



A PERCEPÇÃO SOBRE OS QUINTAIS RURAIS POR MULHERES AGRICULTORAS DO SERTÃO DO PAJEÚ- PE

Nara Nara Pinilla

Jornalista com mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da Universidade Federal Rural de Pernambuco (Posmex/UFRPE). Integrante do Núcleo Jurema: Feminismos, Agroecologia e Ruralidades.

E-mail: narapinilla@gmail.com

Maria do Socorro Lima Oliveira

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG (2011). Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB (2006). Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB (2001). Professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. Pró-Reitora de Ensino de Graduação da UFRPE.

E-mail: socorrololiveira@gmail.com

RESUMO

Os quintais rurais desempenham um importante papel na conservação e reprodução de sementes e espécies nativas e na diminuição da vulnerabilidade econômica e social das famílias agricultoras. No entanto, culturalmente, esses espaços são vistos como extensão da casa e por isso área de influência e trabalho das mulheres. Diante desse cenário, o presente artigo aborda a divisão sexual do trabalho a partir da percepção que mulheres agricultoras têm dos quintais rurais.

Palavras-chave: Economia feminista; Trabalho; Autonomia e conservação da agrobiodiversidade.

THE PERCEPTION OF RURAL BACKYARDS BY FEMALE FARMERS FROM SERTÃO DO PAJEÚ-PE

ABSTRACT

Rural backyards play an important role in the conservation and reproduction of seeds and native species and in reducing the economic and social vulnerability of farming families. However, culturally, these spaces are seen as an extension of the house and therefore an area of influence and work for women. Given this scenario, this article addresses the sexual division of labor based on the perception that female farmers have of rural backyards.

Keywords: Feminist economy; Labor; Autonomy; Conservation of agrobiodiversity.



Introdução

Nas áreas rurais do Brasil, o quintal é o espaço onde ocorrem as atividades não comerciais mais importantes na pequena propriedade, desempenhando um papel central no autoconsumo e fornecendo uma importante fonte de nutrientes, fibras, vitaminas e minerais para as famílias agricultoras (AMBRÓSIO *et al*, 2006). Para Oakley (2004), os quintais contribuem para preservação de espécies nativas e adaptação de variedades locais. Por consequência, ocupam um importante papel na manutenção do legado cultural. Além disso, os quintais também contribuem com respostas à crise socioambiental e inspiram alternativas ao modelo hegemônico de produção agrícola (ALMADA E SOUZA, 2017).

Sendo assim, o quintal é um espaço não apenas caracterizado por fenômenos biológicos, mas também sociais e culturais, que refletirão as necessidades e interesses contingentes a um grupo. Quanto espaço social, o quintal mobiliza diferentes significantes e sentidos de uso e filosóficos para as famílias agricultoras.

Um quintal rural no Semiárido tem elementos de fauna e flora diferentes do que um localizado na Região Amazônica, por exemplo. O mesmo pode-se dizer da experiência vivida e das práticas culturais dessas famílias nesses espaços. É nos quintais que os agricultores e agricultoras experimentam e aprendem novas técnicas de cultivo, produzem saberes, preservam a agrobiodiversidade e vivenciam experiências. É também a aproximação mais imediata dos jovens e crianças com o modo de vida da agricultura familiar. Conseqüentemente, em diferentes regiões e territórios a cosmologia acerca dos quintais rurais imprime diferentes processos de mediações culturais com esse



espaço. A experiência é peça fundamental no modo como essa racionalidade é estabelecida (PINILLA, 2019).

No entanto, culturalmente, são as mulheres as responsáveis pelas tarefas ligadas ao desenvolvimento e manutenção dos quintais, incluindo a preparação da terra, limpeza, colheita e o armazenamento de sementes. (OAKLEY, 2004). São elas que possuem um significativo conhecimento sobre as espécies e os recursos genéticos, assegurando por meio de sua atividade produtiva as bases para a segurança alimentar (PACHECO, 2002).

Se de um lado temos a casa e o seu prolongamento – o quintal- como lugares identificados como feminino e como espaço de reprodução dos princípios da sociedade camponesa, do outro, há os espaços públicos, notadamente masculino, de definição dos interesses dos grupos familiares nas suas inter-relações sociais (CARNEIRO, 1996). Por concepções de base cultural, a presença da mulher na produção agrícola ainda é vista como "ajuda", cabendo ao homem a função de provedor e a mulher os encargos maternos e domésticos (PANZUTTI, 1996).

Nesse contexto, os quintais têm recebido uma atenção especial do movimento feminista que está articulado na construção do movimento agroecológico no Brasil nos últimos anos. Ao apontar a constituição do espaço rural e dos agroecossistemas como crivados por relações de poder, as feministas chamam atenção para como as mulheres rurais são invisibilizadas nas análises e no acesso às políticas públicas.

2. Material e método

O presente trabalho foi desenvolvido no Sertão do Pajeú, microrregião inserida na mesorregião do Sertão Pernambucano, localizada na região semiárida do país. A população total estimada é de 395.293 habitantes. A região é distante



314 km de Recife, a capital do estado – tomando Sertânia, o município mais próximo, como referência. Possui uma área de 13.350,30 Km², o que corresponde a 14,04% do Sertão de Pernambuco. O nome do Território vem do Rio Pajeú, nome também dado a uma espécie vegetal encontrada na região (*Triplaris Polygonaceae*), hoje em extinção. O nome Pajeú vem do tupi aîé'y, que significa "rio dos pajés", através da composição de paîé (pajé) e 'y (rio). Há ainda uma outra variável que diz que o nome significa “pajé + (h)ú” = come/ bebe, ou seja, “pajé come ou bebe”¹.

Para a elaboração deste artigo foram conduzidas entrevistas semiestruturadas, com um roteiro base de 20 perguntas, com uma agricultora do município de Ingazeiras, uma do município de São José do Egito e duas no município de Itapetim, totalizando quatro entrevistas. Os roteiros foram estruturados de modo a compreender a relação estabelecida entre as agricultoras com o quintal, com foco nas suas percepções sobre o espaço a partir de temas como trabalho, autonomia e conservação da agrobiodiversidade. Algumas das perguntas também abordavam os sentidos e significados dado pelas agricultoras a esse espaço. São elas: “O que é o quintal para você?” ; “Onde começa e onde termina seu quintal?”; “Quais atividades você desenvolve no quintal?”; “Você gosta de trabalhar no quintal? Por quê?”; “Qual é a sua atividade preferida desenvolvida no quintal? Por quê?”; “Que outras pessoas trabalham no quintal?”; “Que membro da família decide quais são as atividades desenvolvidas no quintal?”; “Você vende a produção do seu quintal? Onde?”.

Todas as entrevistas foram realizadas na residência das agricultoras e foram registradas através de gravador de voz. Ressalta-se que foi solicitado a autorização para gravação. As participantes também assinaram o Termo de

1 Significado de ú, Pequeno Dicionário Tupi-Português (1951, p. 155). Disponível em: < http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Abarbosa-1951-pequeno/barbosa_1951_tupi-portugues.pdf >. Acesso em: 23 de Jul. de 2019.



Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). Em respeito ao anonimato das agricultoras e as informações sobre a vida pessoal de cada uma delas, todas foram identificadas através de um número: Entrevistada 01, Entrevistada 02, Entrevistada 03, Entrevistada 04.

3. Aprendizados a partir da Economia Feminista

Segundo Gema Esmeraldino (2009), o trabalho produtivo como constituidor da identidade e da autoridade masculina requer a invisibilização do trabalho feminino. Isso é especialmente verdadeiro em sociedades capitalistas, onde há uma integração periférica da mão de obra feminina, revelando que as mulheres têm sido pensadas em termos de sujeito sexuado. A alienação e o trabalho reprodutivo, visto como improdutivo por supostamente não gerar lucro, é, não obstante, fundamental para reprodução do próprio sistema (SAFIOTTI, 2013).

Ao abordar a divisão sexual do trabalho fazendo um paralelo com o conceito de relação social, Kergoat (2009) aponta que há dois princípios organizadores: o da separação (existem trabalhos para homens e trabalho para mulheres) e o princípio hierárquico (ao trabalho de homens e mulheres são dados valores distintos). Um exemplo disso é o trabalho de produção de alimentos para autoconsumo nos quintais ou ainda o plantio de plantas medicinais para o cuidado da saúde da família:

No campo essa divisão sexual do trabalho também se estrutura entre o que é realizado no âmbito da casa e no roçado. Dessa forma, historicamente muitas das atividades produtivas realizadas pelas mulheres são consideradas uma extensão do trabalho doméstico. É importante ressaltar que essa modalidade da divisão sexual do trabalho no campo está vinculada à introdução da noção capitalista de trabalho, que justamente reduz trabalho ao que pode ser trocado no mercado. (FARIA, 2009, p.19)



Diante desse cenário, muitas feministas têm chamado atenção para a necessidade de questionar a economia clássica, reivindicando a necessidade de um olhar específico sobre as questões de gênero. Ao tomar como objeto de análise exclusivamente as atividades mercantis articuladas à produção capitalista, a economia ignora a divisão sexual do trabalho e oculta o trabalho familiar e doméstico. O mercado formal, o lucro, o comércio e as relações econômicas institucionalizadas, ou seja, as esferas monetizadas, passam a também definir o que é considerado a normalidade econômica.

Para Cristina Carrasco (2003), esse conflito desvela uma tensão profunda nos fundamentos do sistema social e econômico que, de modo contraditório, buscam a obtenção de lucro, mas, ao mesmo tempo, requerem o cuidado com a vida humana. Antonella Picchio (2012) aponta que essa separação entre a esfera pública e mercantil e entre a esfera doméstica e reprodutiva no âmbito analítico serve apenas para ocultar a tensão e para descarregar nas mulheres a responsabilidade sobre a qualidade de vida. Dentro dessa perspectiva, a sustentabilidade da vida deve ser considerada na sua dimensão de partilha de responsabilidades não apenas entre os indivíduos, mas também entre as esferas institucionais. Por isso, é necessário situar o processo de reprodução social da classe trabalhadora, uma vez que “as condições de uma vida sustentável não podem ser definidas de forma abstrata. Elas requerem especificação do contexto e do ponto de vista histórico” (PICCHIO, 2012, p. 18). Julie Matthaei (2002) acredita que a construção de um conhecimento verdadeiramente objetivo e libertador passa pela fusão de análises econômicas baseadas em classe, gênero e raça.

4. Resultados e discussão

Para Milton Santos (1994), é necessário retomar o espaço banal, o espaço vivido comunitariamente, ou seja, o território de todos e nos limites de trabalho de todos, em contraponto a um espaço global habitado por um processo



racionalizador e ideológico de origem distante, que chega a “cada lugar com os objetos e as normas estabelecidas para servi-lo” (1994, p. 18). É preciso afastar a noção do território como a serviço exclusivamente de alguns.

Sendo assim, para as mulheres rurais, o quintal é o espaço de vivência, dos encontros, das tarefas cotidianas, dos afetos, da beleza da vida, do alimento para os filhos, das flores que fazem a vida mais leve e mais bonita, das pequenas delicadezas, dos animais que de manhã esperam alguém acordar para receber o alimento, a primeira imagem que enxergam ao abrir a porta de casa e começar o dia. Ou ainda, é o espaço da possibilidade e concretude da autonomia, de ressignificar o trabalho e fortalecer o ser mulher e ser agricultora. Mas é também o espaço de tensões, onde se expressa de modo visível a divisão sexual do trabalho, os conflitos, as violências e a invisibilidade (PINILLA, 2019), como veremos a seguir:

P: Como é que você define teu quintal, o que é o quintal para você? R: Ah, fia, é tudo. É de onde sai a minha renda mesmo. É do quintal. P: E o que que você considera como a área do quintal? R: Menina, é ao redor da minha casa todinha aqui descendo. P: É tudo quintal, então? R: Tudo quintal. eu comecei nesse pequenininho, aí depois eu cresci mais, por causa das fruteiras. Tem bastante, eu tenho 35 pés de acerola, minha gente, imagina eu apanhando sozinha. P: Onde termina o teu quintal? R: E termina no roçado aqui do lado. (ENTREVISTADA 01, 2019)

P: Onde começa e onde termina seu quintal? R: Onde começa... Ele começa bem aqui ao lado da porta da cozinha e termina lá embaixo lá bem perto o rio. (...)Então, para senhora, o quintal é essa parte que está ao redor de casa e mais um pouco também, ou não? R: E mais um pouco, porque quando chove eu já passo do quintal. Se depois você quiser dar uma olhadinha eu passo do quintal e já começo a plantar também. P: Então se quintal fica maior na época da chuva? R: Na época da chuva ele fica maior. Porque como a terra tá molhada, claro, eu já aproveito outros espaços que não pega no quintal. Mas já vou poupando a água, porque quando estou lucrando lá, a água aqui espera para quando a chuva passar. Fica água guardada para aproveitar (ENTREVISTADA 02, 2019)

A Entrevistada 03 (2019) aborda o quintal também através de uma perspectiva de área de trabalho da mulher, por consequência:



(...), pra mim, eu saí plantando em torno, é tudo meu quintal, plantei bananeira, manga, acerola, graviola, e um quintal de hortaliça que faz parte do meu quintal que eu plantava cenoura, batata doce. Aí alface, cebolinha, tomate cereja, repolho, pimentão, melancia. (...). (ENTREVISTADA 03, 2019)

Ao serem questionadas se gostavam de trabalhar no quintal, as agricultoras todas responderam que sim, que encontravam no espaço satisfação e resultados concretos para satisfazer as necessidades da família. De acordo com a Entrevistada 01 (2019), *“Eu gosto de tá lá dentro (do quintal). Como vivo sozinha agora, gosto só mesmo de tá nos matos, lá pra horta.”*

(...) Ave Maria, eu aaaaamo. Eu gosto, ave Maria, é uma das coisas melhor. Eu comecei a plantar um dia, fui a uma reunião e era na casa que tava numa comunidade vizinha, e as menina dando a reunião e eu me interesse e comecei. Aí comecei a plantar até fazer a casa. Aí antes de fazer a casa eu comecei plantando. Aí plantei acerola, coqueiro. Fui plantando, fui plantando. (...) (ENTREVISTADA 03, 2019)

O quintal pra mim eu acho um a vida. Porque é lá onde a gente produz. Eu digo a gente porque não é eu só, sabe. É eu e ela. Nós produz o nosso alimento, né, nossas frutas, verduras, e é tudo sem agrotóxico. É uma coisa pura, por isso que eu digo que é uma vida. Quando você tá comendo uma coisa sadia é vida. (ENTREVISTADA 02, 2019)

Uma das perguntas feitas durante as entrevistas foi o porquê mulheres agricultoras “gostam” de trabalhar no quintal. As respostas são especialmente valiosas para exemplificar o que teoricamente foi discutido neste trabalho: a divisão sexual do trabalho. É a partir de relações sexuadas que cada membro da família organiza seu tempo, a maneira como são realizadas as tarefas diárias, quem deve realizá-las, demonstrando de que modo as tarefas foram definidas como sendo atividades de “homens” ou atividades de “mulheres”.

P: Você me disse que ele (o marido) passa mais tempo no roçado e você mais tempo no quintal. Por que você acha que cada um dedica mais tempo a cada um dos espaços? R: Acho que porque eu acho mais perto o quintal que o roçado. P: Mas você acha mais perto do que? R: Fica mais perto de eu tomar conta da casa também, né, da comida. (ENTREVISTADA 01, 2019)

Eu acho até porque o tempo é mais pouco. Porque aí não dá tempo de cuidar de casa, de menino, e cuidar de tempo mais no roçado. Aí fica



mais fácil. No meu caso ainda é pior, porque aí tem um filho especial, aí vai diminuindo o tempo. (ENTREVISTADA 03)

Qualquer horinha que você tiver, espacinho, cê vai ali e pronto. Mas eu não passo o dia todo no quintal, não. Mas eu trabalho no quintal. (...) Posso fazer qualquer hora, à tardinha, ou então cedinho, antes do café já posso ir lá. Pra ajeitar uma coisa. Eita eu tinha isso pra botar, anoiteceu e não fui, mas amanhã cedinho eu vou. E se for lá longe não dá.(...) eu tenho que conciliar o de casa e o quintal (ENTREVISTADA 02, 2019)

5. Considerações finais

A partir do depoimento das agricultoras é possível perceber que existe uma coextensividade na relação casa-quintal. É a centralidade da casa como lugar da família, do trabalho doméstico e de cuidados que influencia, por conseguinte, a percepção sobre o trabalho em diferentes lugares na propriedade. Apesar de existir um flagrante delimitação e hierarquização dos espaços de trabalho de homens e mulheres e no reconhecimento e validação que esses espaços recebem nas famílias e na sociedade, as mulheres rurais reconhecem os quintais como espaço de trabalho, produção de alimentos, geração de renda e lazer.

Sendo assim, o quintal não é um espaço aleatório, que suporta elasticidade e diferentes concepções sobre os limites que definem seu marco zero espacial, ele começa na porta de casa. O mesmo não se pode dizer sobre os limites do seu fim. É capacidade de trabalho da agricultora e da família, a infraestrutura disponível, o acesso à água, o acesso à terra, fatores geracionais, por exemplo, que definem seus limites finais. A partir dessas variáveis, os limites podem ser maiores, menores ou mudar ao longo do tempo e das condições climáticas, econômicas e sociais.

Recebido em 30 de outubro de 2019.

Aprovado em 16 de março de 2020.



Referências

ESMERALDO, Gema. **O Protagonismo Político de Mulheres Rurais Por seu Reconhecimento Econômico e Social**. In: PESSANHA, D; MEDEIROS, L. S. (Org). *Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos político*. Niterói : Alternativa, 2013.

AMBRÓSIO, L. A. et al. **Diagnóstico da contribuição dos produtos do quintal na alimentação das famílias rurais: Microbacia D'água F., Vera Cruz**. *Informações Econômicas*, São Paulo, v. 26, n. 7, jul. 1996.

ALMADA, E; SOUZA, M. **Quintais: Memória, Resistência e Patrimônio Biocultural**. Belo Horizonte: EdUEMG,. 191 p. 2017.

CARNEIRO, Maria José. **Esposa de Agricultor na França**. *Revista de Estudos Feministas* v. 4, n. 2, p 338-356, 1996. Disponível em < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16807> > Acessado em 12 de março de 2018.

CARRASCO, Cristina (ed). **Mujeres y Economia: Nuevas Perspectiva Para Viejos y Nuevos Problemas**. 2º ed. Barcelona:Icaria Editorial. 2013.

FARIA, Nalu. **Economia feminista e agenda de luta das mulheres no meio rural**. In: Andrea Butto (Org). *Estatísticas rurais e a economia feminista: um olhar sobre o trabalho das mulheres*. Brasília : MDA, 2009

KERGOAT, Danièle. **Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo** In: HIRATA, Helena, LABORIE, Françoise, LE DOARÉ, Hélène, SENOTIER, Danièle (org.). *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 67-75.

MATTHAEI, Julie. **Por que os/as economistas feministas/ marxistas anti-racistas devem ser economistas feministas/ marxistas anti-racistas?**. In (org) FARIA,N; NOBRE,M. *Economia Feminista (Coleção Cadernos Sempre Viva)*, 2002, 104 p.

OAKLEY, E. **Quintais Domésticos: uma responsabilidade cultural**. *Revista Agriculturas*, v. 1, n. 1, p. 37-39, 2004. Disponível em: < <http://aspta.org.br/wp-content/uploads/2014/10/Artigo-12-Quintais-dom%C3%A9sticos-uma-responsabilidade-cultural.pdf> >

PACHECO, Maria Emília. **A questão de gênero no desenvolvimento agroecológico**. Encontro Nacional de Agroecologia. 2002.

PANZUTTI, Nilce. **Mulher Rural: Eminência Oculta**. *Cadernos CERU*. Série 2 nº, 1997. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/74975> > Acesso em 23 de fevereiro de 2018.



PICCHIO, ANTONELLA. A economia e a pesquisa sobre as condições de vida. In: **Análises feministas: outro olhar sobre a economia e a ecologia**. São Paulo: SOF, 2012. p. 13-28. (Coleção Cadernos Sempreviva. Série Economia e Feminismo, 3).

PINILLA, Nara. **Mulheres Rurais Feminismo e Agroecologia: Um olhar sobre os Quintais no Sertão do Pajeú**. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local) – Departamento de Educação, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, p 170, 2019)

SAFFIOTI, Heleieth. **A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade**, 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013, 528 p.

SANTOS, M. **Território globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1994.